



ANTOLOGIA

**EDUCAÇÃO ARTÍSTICA  
E SUSTENTABILIDADE**  
orientações para estratégias de educação  
ambiental através das artes

**APEEV**



**Título** | Antologia de Educação Artística e Sustentabilidade:  
orientações para estratégias de educação ambiental através das artes

**Editoras** | Mónica Oliveira, Teresa Torres de Eça, Ângela Saldanha, Célia Ferreira

**Prefácio e Organização** | Teresa Torres de Eça

**Concepção Gráfica e Paginação** | Ângela Saldanha

**Impressão e Acabamentos** | ASSOL

**Editora** | APECV

**DOI** | 10.24981/2021-AEAS

**ISBN** | 978-989-54262-7-0

**1.ª Edição 2021**

**EDUCAÇÃO  
ARTÍSTICA  
E  
SUSTENTABI-  
LIDADE**

CIDADE  
SUSTENTÁVEL  
E  
ARTÍSTICA  
EDUCAÇÃO

**orientações para estratégias de educação ambiental através das artes**



# ÍNDICE

<b>Prefácio</b> Teresa Torres de Eça	I
<b>Textos Introdutórios</b>	07
A Arte e o Ambiente: Convergências Educativas Mónica Oliveira	08
Pó de Estrelas Ângela Saldanha	16
Num Olhar Contemporâneo Sobre a Educação na Infância, a Educação Artística e a Educação para a Sustentabilidade são, Indiscutivelmente, Vertentes Indissociáveis Luís Ribeiro	20
Efd, Literatura e Sustentabilidade Rita Basílio	24
Educação e Vivências Performativas Fora de Portas ou a Busca por uma Visão Ecológica Isabel Bezelga	30
Contributos da Educação Musical na Educação para a Sustentabilidade Paulo Esteireiro	36
<b>Atividades de Educação Ambiental através das Artes em Escolas no ensino pré-escolar e 1.º ciclo</b>	47
Um Mergulho na Natureza — Land Art Helena Martinho e Jaime Filipe	48
Pássaros, Passarinhos e Passarocos Ana Sofia Bento Moreira	62
Super-Heróis Ambientais Jéssica Cristina Abreu Monteiro	74

<b>Jardim de Inverno</b>	<b>084</b>
Joana Figueiredo Coutinho Mendes e Barbara Iwona Marzec	
<b>Com Elementos Naturais Surge a Criação!</b>	<b>096</b>
Maria do Céu Lourenço Pereira	
<b>O Futuro Começa Hoje</b>	<b>112</b>
Maria Leonor Henriques e Ana Paula Rocha	
<b>Deixa para Amanhã o que Podes Comprar Hoje</b>	<b>124</b>
Mónica Mayer Guimarães	
<b>Com as Mãos no Barro, Crio uma Escultura com Elementos da Natureza!</b>	<b>134</b>
Mónica Sofia Santos e Sandra Duarte	
<b>A Terra – A Casa Onde Todos Vivemos</b>	<b>146</b>
Telma Alexandra Sampaio Cerqueira e Virgínia de Fátima Comenda Pereira	
<b>Atividades de Educação Ambiental através das Artes em Escolas no 2.º e 3.º ciclos da Escolaridade Obrigatória</b>	<b>173</b>
<b>“Arrábida Storming”</b>	<b>174</b>
Recriação da obra “Guernica” de Picasso à luz de do tema “Arrábida Biosfera” Alexandra Seabra e 10.º B1	
<b>BD Sobre o Coronavírus</b>	<b>186</b>
Cristina Pinto	
<b>Construção de uma Capa Individual de Desenho Através da Reutilização de Pacotes de Café</b>	<b>196</b>
Sónia Miranda	
<b>E Se Fosses Uma Gota De Água?</b>	<b>206</b>
Maria da Conceição Vitorino Ventura Tendeiro Pedroso Pimenta	

<b>Atividades de Educação Ambiental através das Artes em Escolas no Ensino Secundário</b>	<b>221</b>
Info_etiqueta, Projeto na Área do Desenvolvimento Sustentável Ana Paula M. Pires	<b>222</b>
Intervir   Postais Serra da Lousã Ana Seco	<b>240</b>
Take a Stand Clara Antunes e Ricardo Machado	<b>268</b>
Custo Zero Maria Luísa Luís Duarte	<b>298</b>
Pré-Produção de um Filme de Animação Sobre o Ambiente João Pedro Pereira	<b>308</b>
Design De Produto a Partir de Tecnologias Tradicionais Graça Martins	<b>318</b>
<b>Atividades de Educação Ambiental através das Artes em outros contextos Educativos</b>	<b>339</b>
Lagarto Azul Matias Pancho	<b>340</b>
Raiogramas — Imagens de Luz Joana Mateus e Inês Azevedo	<b>354</b>

# Prefácio

Teresa Torres de Eça

A educação ambiental deveria ser neste momento a nossa primeira prioridade, como educadores e educadoras; professores e professoras, artistas; pais e mães que se preocupam com a sustentabilidade. As artes, pelo seu caráter agrupador de disciplinas, e poder de pensar a longo prazo futuros difíceis de imaginar a olho nu, são talvez uma das melhores aliadas das ciências e dos objetivos para o desenvolvimento sustentável. Pela criatividade, pelo grau de adaptação a situações imprevisíveis, pelo pensamento crítico e ação interventiva que podem desencadear, as atividades de educação artística focadas nos temas transversais como por exemplo o da justiça climática, pegada ecológica ou energias alternativas, podem incitar a uma reflexão alargada permitindo repensar o quotidiano de cada um e as suas práticas, tendo em conta o futuro de todos.

Para reduzir a nossa pegada ambiental é necessário inovar, fazer escolhas informadas e monitorizá-las, embora estejamos conscientes que necessitamos de grandes medidas legislativas a nível global para travar as consequências da ação desastrosa do homem sobre o ambiente, pensamos também que são necessárias pequenas ações no mundo da educação e da sensibilização das crianças e jovens para podermos responder aos desafios do nosso tempo. Estas pequenas ações, gotas no oceano, são, no entanto, revoluções no sistema. Necessitamos urgentemente de mudar mentalidades, criar hábitos de questionamento de consumo e modos de vida alicerçados nos modelos económicos predadores dos valores de respeito pelo equilíbrio entre as espécies do planeta.

As artes, sobretudo os artistas ativistas e artistas ecológicos, desde as artes plásticas, ao design e arquitetura têm vindo a equacionar discursos críticos sobre as escolhas que fazemos ou que são feitas por nós no que respeita aos materiais que rodeiam o nosso quotidiano. Desde o século vinte que artistas como Alberto Carneiro ou pensadores como Edgar Morin têm chamado a nossa atenção para questões eco sistémicas. Edgar Morin apelava para uma identidade terrena e para a condição cósmica dos seres humanos, somos seres biológicos e culturais que fazem parte de uma cadeia (Morin, 1999). A perspetiva de Edgar Morin sobre o conhecimento e a transmissão do conhecimento,

explora dimensões de eco cidadania; transdisciplinaridade e internacionalização em sete saberes fundamentais: o Conhecimento Pertinente, o Ensino da Condição Humana, o Ensino das Incertezas, a Identidade Terrena, o Ensino da Compreensão Humana e a Ética do Gênero Humano. Para Morin, a educação deveria focar os seus programas na unidade da espécie humana dentro da diversidade de modo a mudar valores e atitudes tais como o egocentrismo, o etnocentrismo e o sociocentrismo.

Cientistas, artistas, e outros intelectuais uniram as vozes para a necessidade de uma maior consciência sobre as mudanças climáticas e emergência em travar a emissão de gases poluentes. De um modo geral todos convergem para a necessidade de mudança de estilos de vidas e de escolhas quotidianas sustentáveis, tal poderia ser possível a longo prazo através de um maior enfoque na educação ambiental. Mas a educação ambiental necessita de um espaço de crítica social, como advoga Lucie Sauvé, a educação ambiental contribui para o desenvolvimento de sociedades responsáveis. Encarando 'desenvolvimento' num sentido lato:

... no sentido de uma ética da responsabilidade fundamental, nitidamente mais rica do que a ética da sustentabilidade ou da viabilidade, essencialmente minimalistas (“desde que isso perdure”, ou “desde que se sobreviva”). Para além de uma abordagem cívica legalista de direitos e deveres, trata-se de uma responsabilidade de ser, de saber e de agir, o que implica compromisso, lucidez, autenticidade, solicitude e coragem. (Sauvé, 2005: p.321)

Mas, para adquirir essa responsabilidade de ser, de saber e de agir, de que fala Lucie Sauvé, necessitamos de modelos educativos, e sobretudo de práticas educativas mais comprometidas. Necessitamos de coragem para dizer não a currículos escolares obsoletos, a uma educação neoliberal que promove através da fragmentação disciplinar, o desenvolvimento económico acima de tudo, em detrimento dos valores de respeito e solidariedade.

Vinte e dois anos depois da publicação de Edgar Morin sobre os sete saberes (Morin, 1999) e da ratificação da carta da terra<sup>1</sup>, ativistas contemporâneos questionam a visão androgênica do mundo, e resgatam saberes de sociedades ancestrais onde a natureza era percebida como um ser holístico. Nas escolas e em outros lugares educativos educadores, professores, mediadores e outros trabalhadores culturais têm pouco a pouco criado uma maior consciência ecológica, mas ainda existem muitas lacunas e muitas tensões entre os objetivos do desenvolvimento sustentável e o modo como agimos no nosso dia a dia, tanto a nível macro como micro.

Tendo tais preocupações em mente, na APECV resolvemos editar uma antologia de boas práticas educacionais que de algum modo pudessem exemplificar momentos de viragem; abrir frechas para podermos espreitar possibilidades de ação transformadora com atividades de educação artística. Mónica Oliveira, Ângela Saldanha e Célia Ferreira, editoras deste livro lançaram o desafio a educadoras e professoras de artes, em contextos escolares e não só, para partilharem com os colegas os seus projetos mais inovadores. E, no meio das rotinas burocráticas, elas e eles conseguiram arranjar tempo para pararem e refletirem sobre estas pequenas ações que podem parecer pequenas, mas que podem também criar as indagações e o espírito crítico necessário à mudança de mentalidades e de estilos de vida. Sabemos que como professoras e educadoras não podemos resolver a presente crise, não podemos trazer equidade social, erradicar a pobreza, combater a violência ou travar o degelo do permafrost e a poluição dos oceanos. Vimos as sucessivas agendas internacionais passar à nossa frente, as grandes metas da agenda 2050<sup>2</sup> requerem sobretudo decisões políticas de macro-escala que tardam em realizar-se. Mas, como ativistas, cidadãs planetárias não podemos cruzar os braços e na nossa relação pedagógica, aluna após aluna, aluno após aluno deixamos caminhos para pensamento crítico e ativismo através do fazer artístico.

1 A Carta da Terra é uma declaração da UNESCO para a busca de uma sociedade em que todos sejam responsáveis por ações de paz, respeito e igualdade. Foi apresentada em 1992, no Rio de Janeiro, durante a Eco-92, Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento e ratificada pela Unesco em 2000 na Holanda, com a adesão de mais de 4.500 organizações do mundo.

2 [https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/27672/GEO6\\_CH20.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/27672/GEO6_CH20.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

## Referências

Morin, Edgar (1999). “Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur”.UNESCO, Le Seuil.

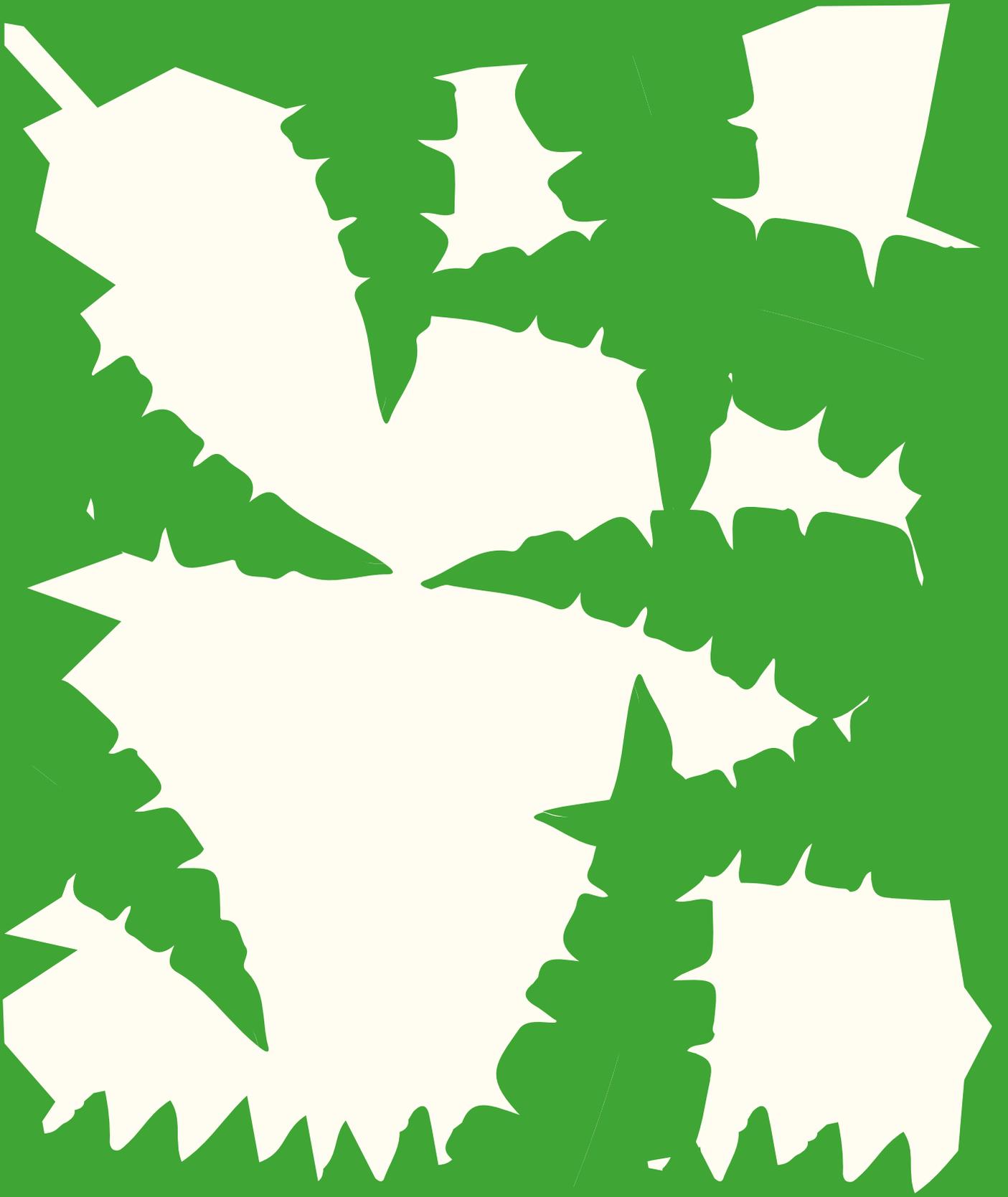
Sauvé, Lucie (2005). “Educação Ambiental: possibilidades e limitações”. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317–322, maio/ago. 2005.













# **TEXTOS**

# **INTRODUTÓRIOS**

# A Arte e o Ambiente: Convergências Educativas

Mónica Oliveira

Sabemo-nos moradores de uma sociedade de consumo e de simulacro, onde a competitividade e a necessidade de crescimento, agudizadas pelos avanços tecnológicos, têm vindo a explorar os recursos naturais sem limites. E as consequências estão à vista de todos: as mudanças climáticas globais, as catástrofes naturais, o degaste dos recursos energéticos, o aumento dos diferentes poluentes atmosféricos, a perda galopante de biodiversidade são apenas alguns dos exemplos que atualmente vamos testemunhando dia após dia. A falta de uma visão holística da realidade e o progressivo distanciamento do ser humano relativamente à Natureza tem vindo a provocar danos irremediáveis ao planeta, o qual se encontra à beira do colapso ambiental à escala mundial. Este colapso ambiental do planeta deu origem a uma crise ambiental que se encontra no epicentro dos desafios sociopolíticos do século XXI. Este panorama surge de forma explícita na arte através das mais diversas formas de expressão, apresentando uma panóplia de imagens do mundo com implicações conceptuais e epistemológicas na questão ambiental e, conseqüentemente, na educação artística atual. A nossa história é testemunha de uma constante interação entre a arte e o universo que a cerca, refletindo hábitos, valores, significados e ideais dos indivíduos em cada época. Foram vários os artistas e obras que, ao longo de décadas, foram servindo de inspiração e referência para alicerçar um trabalho contínuo que atesta a preocupação do artista face à relação do ser humano com a natureza. Como afirma Antunes (2011) “A arte e a ecologia representam uma dinâmica relacional favorável na identificação de problemas do ambiente e na restauração de ecossistemas fragilizados. Através de afirmadas obras artísticas, as artes são convertidas em veículos de consciencialização ambiental fazendo despertar modos de vida mais equilibrados e sustentáveis.” (Antunes et al., 2011, p.367)

A Arte como experiência estética e como forma de comunicação humana busca uma representação das questões que informam o seu tempo, tornando-se numa “forma de conhecimento: um meio de percepção, investigação e mudança do mundo” (Kurt, 2006, p.143). Diante de tal situação a arte manifesta-se como uma importante via para o desvelamento da realidade denunciando, fruto da sua inquietude, a desumanização e as

questões relacionadas com “ameaças ambientais, sociais e económicas que o planeta e a humanidade na atualidade.” (ENEA, 2020, p.16). A arte busca explorar e refletir sobre o tecido social, redefinindo as significações de uma sociedade cujas relações dos seres humanos entre si e com a natureza sejam realmente sustentáveis, o uso dos bens seja igualitário e onde o desenvolvimento humano acompanhe a preservação da natureza. As narrativas dos artistas, muito próximas da realidade e dos desafios vividos na contemporaneidade, ora intrigantes, acutilantes ou provocatórios, vêm transmitindo (des)confortáveis mensagens sobre a maneira como o homem vive. Dieleman (2006) afirma que, cada vez mais, se testemunha uma relevância maior no papel da arte e da cultura no mundo demonstrando que existe uma conexão entre o espaço real e o das artes onde a questão ambiental e a questão da sustentabilidade constituem uma das tendências da sociedade contemporânea (Kurt, 2006). Isso porque não só veicula os diversos problemas ecológicos e as suas repercussões, como é também um documento vivo e próximo das pessoas pois “(...) toca sentimentos e emoções, podendo influenciar o comportamento humano, suas visões do mundo e estilos de vida” (Dieleman, 2006, p.125).

A arte torna-se, deste modo, um recurso educativo que possibilita aos sujeitos trabalhar não só a questão artística, mas “uma compreensão crítica da sociedade em que vivem, e do seu papel nela, a partir do conhecimento tácito dos seus fenómenos” (Charréu 2009, p.27), permitindo-lhes programar a sua ação, criar instrumentos para melhor atuar sobre o objeto, ter finalidades, antecipar resultados, conforme Paulo Freire (2001) nos relata no seu livro *Ação Cultural para a Liberdade e outros Escritos*. Espera-se, assim, que a educação artística voltada para uma pedagogia crítica “mais efetiva e autêntica, centrada mais na busca de solução para os problemas que afligem os nossos tempos” (Charréu, 2012, p. 50) promova uma ação voltada para a mudança: uma mudança que implique o nosso estilo de vida, a forma de viver a escola, a sociedade local ou a sociedade global; que busque o desenvolvimento consciente de dinâmicas de intervenção e transformação social que se traduzem em atitudes e comportamentos, promovendo uma cultura de corresponsabilidade em termos de sustentabilidade.

Olhar o mundo presente para nele intervir implica uma abertura da educação artística ao meio envolvente, sensibilizando para questões relacionais entre o homem e o ambiente, apontando um conjunto de soluções que passam pela reparação dos danos que se têm infligido ao nosso planeta, tentando vislumbrar a emancipação de uma sociedade contemporânea que hoje tem dificuldade em trilhar o rumo a seguir. Deve ser uma educação artística que possa “dar uma “forma” e um “conteúdo” à informação cognitiva e cultural, que se adapte melhor à estrutura psico-sociológica do aluno” (Charréu 2009, p.27). Através do (re)conhecimento, fruição e apropriação da nossa herança cultural, enquanto memória e sentido de identidade, bem como no envolvimento da criação/produção (Freedman, 2003) do objeto artístico que requer ação e consciência na escolha de materiais e técnicas de produção. Estes aspetos tornam-se determinantes para que os alunos se apropriem das suas histórias, questionem as suas biografias e os sistemas de significados e percebam quais as forças que circunscrevem as suas vidas de forma a poderem agir dentro e fora do espaço da escola.

A educação artística torna-se, nesse sentido, um espaço vocacionado e oportuno para que os alunos vivenciem experiências estéticas, orientando-os para uma pegada ecológica individual e coletiva onde se sintam protagonistas das suas vidas, permitindo-lhes estabelecer novas relações consigo e com o espaço que habitam. Este cruzamento de intencionalidades pedagógicas encontra-se em consonância com o desenvolvimento sustentável e com a construção de uma formação cidadã de carácter humanista, voltada para o bem coletivo baseada na responsabilidade, no espírito crítico e na criatividade.

No entanto, é necessário facultar aos alunos as ferramentas necessárias para atuar e cultivar aspetos éticos e intelectuais que se materializem em ações concretas.

E uma das ferramentas que a educação artística pode utilizar são as obras artísticas que, pensadas à luz da Educação, permitem (re)inventar e (re)construir conhecimento através de novas visões, investindo na transformação do nosso modo de ser. Como afirma Oliveira (2017) “apela à atividade do pensamento, à inteligência, ao sentido estético e à liberdade aproximando-nos dos outros.” (p.15).

Quando um aluno se depara com uma obra artística é convidado a criar novas visibilidades e enunciações que dão forma às suas visões do mundo. Isso significa provocar novas formas de pensar e de se relacionar com os conhecimentos. Neste caso, ensinar e aprender não pressupõe estabelecer verdades. Como dizia Freire (1996) “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (p. 24–25). A presença da obra de arte na sala de aula, para além de ajudar a desenvolver a sensibilidade artística dos alunos, permite-lhes descobrirem-se a si próprios, criar uma familiaridade com o universo. É, como afirma Bini (2018), uma “Arte que está voltada principalmente para as questões existenciais, para o fazer pensar.” (p.61). Ver, interpretar e compreender a arte é uma experiência significativa, onde a emoção, o pensamento e a ação fazem parte da mesma dinâmica (Dewey, 2010). Uma dinâmica pró-ativa por parte dos alunos que fomenta a sua curiosidade e desperta a sua atenção sobre o mundo onde estão inseridos.

As obras artísticas, como objeto de aprendizagem, pretendem opor-se à velocidade do mundo atual e provocar instantes de fruição intelectual, que traga consigo as problemáticas do homem contemporâneo. Os objetos/imagens artísticas, como dispositivos pedagógicos, provocam encontros e novos relacionamentos entre os sujeitos, os espaços e os tempos. Abrem novas perspetivas, possibilitam contágios, questionamentos que podem mudar as formas de aprender e conhecer. Propõem diferentes discursos, ações, diálogos e relações disruptivas com um processo de ensino aprendizagem convencional. Apostar neste encontro como forma de criar infiltrações, fissuras, canais de comunicação mais democráticos e familiarizados com os alunos é fundamental. As obras incitam à reflexão, ao abandono de uma postura passiva, em busca do exercício do pensar sobre si mesmo e sobre o mundo.

Mas a arte é também sinónimo de conceção, produção e materialização artística. É importante realçar a busca incessante dos artistas na preocupação com a produção do objeto artístico através de um processo criativo que implica a escolha de materiais, supor-

tes e técnicas, experimentando novas possibilidades a partir dos novos meios e suportes de criação consentâneos com os recursos ecológicos. Na Educação artística estas premissas também necessitam de ocupar um lugar de destaque.

No decurso do processo criativo a educação artística aposta em dinâmicas que favorecem a aprendizagem ativa dos alunos através de processos vivenciais e não retóricos, pois, como diz Dieleman, “somente através da experimentação podemos realmente saber e ‘sentir’ se está certo” (p.125), tendo em vista um tempo ao qual nos pretendemos adaptar. É na busca da conceção e realização de um trabalho artístico que os alunos discutem opiniões, atitudes, vivências, sentimentos e realizam pesquisas que podem utilizar ao longo da sua vida, agindo local ou globalmente sobre o ambiente. E é, também, na realização das obras que os projetos ganham uma dimensão didática e se posicionam criticamente relativamente aos modos de fazer convencionais, onde os alunos selecionam materiais (materiais naturais, recolhidos e/ou produzidos pelos próprios alunos). Este processo leva os alunos ao desenvolvimento de múltiplas competências, nomeadamente as cognitivas e metacognitivas (pensamento crítico, pensamento criativo, aprender a aprender, autorregulação...) e as sociais e emocionais (colaboração, empatia, autoeficácia...) conforme consta no relatório *The Future of Education and Skills – Education 2030* (OECD, 2018).

Acreditamos que a educação artística através de uma pedagogia crítica deve ser trabalhada em busca de uma sociedade mais justa e democrática, (re)equacionando as nossas vidas em função de uma relação com o mundo mais ecológica. Alinhada com as preocupações e recomendações manifestadas pelas instituições nacionais e internacionais, deve ter como objeto da sua prática pedagógica, quer do ponto de vista cognitivo, quer do ponto de vista expressivo, os problemas ambientais e o paradigma do consumo e produção, objetivando a proteção dos recursos naturais e do meio ambiente. Desta forma os alunos serão capazes de utilizar os problemas como desafios, modificar o social, opor-se ao conformismo, construir relações entre o mundo interior e exterior, desenvolvendo novos valores e atitudes para atuar eticamente no ambiente.

## Referências Bibliográficas

- Antunes, A.; Cravidão, F. & Bahia, S. (2011). “Arte e Ambiente – Contributos para a Educação Ambiental”. In L. Cunha & R. Jacinto (Eds.). Interioridade/Insularidade – Despovoamento/Desertificação: Paisagens, Riscos Naturais e Educação Ambiental em Portugal e Cabo Verde. Iberografias – 17 (pp. 357–384). Coleção Iberografias.
- Bini, F. (2018). A frágil e complexa noção de arte contemporânea. IN M. Conrado (org). “Dilemas da arte contemporânea: autoria, uso de imagem, processos de criação e outras questões” (pp. 58–78). PROFICE Secretaria de Estado da Cultura. Governo do Estado do Panamá.
- Charréu, L. (2012). “Imagens globais, cultura visual e educação artística: Impacto, poder e mudança”. In R. Martins & I. Tourinho, (Eds.) Culturas das Imagens: Desafios para a arte e para a educação. (pp.37–52). Editora da UFSM
- Charréu, L. (2009). “Para uma Educação Artística em artes Visuais enfocada na contemporaneidade”. IN E. Rodrigues; H. Assis (Ed.) (2009). O Ensino das Artes Visuais: Desafios e possibilidades contemporâneas (pp. 25–32). Grafset Ed./ Secretaria de Educação do Governo do Estado de Goiás.
- Dewey, J.(2010). “Arte como experiência”. Martins Fontes.
- Dieleman, H. (2006). “Sustentabilidade como inspiração para a Arte”. In H. Hara. (Ed.), Caderno Sesc\_Videobrasil 2: Arte Mobilidade e Sustentabilidade (pp. 119–133). São Paulo: Edições Sesc.
- Estratégia Nacional de Educação Ambiental (ENEA), (2017). “Estratégia Nacional de Educação Ambiental, 2020”. Agência Portuguesa do Ambiente.
- Freire, P. (1996). “Pedagogia da Autonomia, Saberes necessários à prática educativa”. Paz e Terra.
- Freire, P. (2001). “Ação Cultural para a Liberdade e outros Escritos”. (9. ed.). Paz e Terra.
- Freedman, K. (2003). “Teaching Visual Culture: curriculum and the social life of art”.

Teachers College Press.

Kurt, H. (2006). “Arte e sustentabilidade: uma relação desafiadora, mas promissora”.

In H. Hara. Caderno Sesc\_Videobrasil 2: Arte Mobilidade e Sustentabilidade (pp.135–143). São Paulo: Edições Sesc

OECD Future of Education and Skills 2030 (2018). “The Future of Education and Skills — Education 2030”. OECD E2030 Position Paper (05.04.2018).pdf (oecd.org)

Oliveira, M. (2017). “A Educação Artística para o desenvolvimento da Cidadania”. APECV